

OPINIÃO

Inteligência Artificial e a democratização do design profissional

Thiago Leon Marti (*)

Criar uma identidade visual consistente é um dos maiores desafios para quem inicia um negócio.

Historicamente, transformar uma ideia em marca exigia colaboração próxima com designers, capazes de traduzir conceitos subjetivos em soluções visuais e técnicas.

Nos últimos anos, no entanto, novas ferramentas digitais começaram a tornar esse caminho mais acessível. Com a incorporação da inteligência artificial em plataformas de criação, parte das etapas mais operacionais do design passou a contar com recursos que ajudam a orientar escolhas visuais, organizar layouts e evitar erros técnicos.

Na prática, isso permite que empreendedores avancem com mais facilidade nas primeiras etapas de construção de uma marca, enquanto designers e profissionais criativos seguem desempenhando um papel essencial na definição estratégica e no desenvolvimento de identidades visuais mais completas.

Esse avanço tecnológico não diminui a importância do design profissional. Pelo contrário: ao automatizar tarefas repetitivas e técnicas, a inteligência artificial tende a valorizar ainda mais o trabalho estratégico dos profissionais de compreender o posicionamento de uma marca, interpretar seu propósito e transformá-lo em linguagem visual.

Outro impacto importante aparece em um ponto menos visível do processo criativo: o preparo técnico de arquivos para produção gráfica. Questões como resolução inadequa-

da, ausência de sangria, uso incorreto de cores ou margens mal configuradas ainda estão entre as principais causas de erro em materiais impressos.

Nesse sentido, ferramentas inteligentes podem identificar inconsistências e orientar correções antes mesmo do envio para produção. Isso reduz falhas, evita retrabalho e torna o processo mais eficiente tanto para quem cria quanto para quem imprime.

Ao mesmo tempo, essa evolução amplia o acesso ao design profissional. Pequenos empreendedores passam a contar com mais recursos para estruturar sua comunicação visual desde o início, enquanto designers encontram novas possibilidades de colaboração em projetos mais estratégicos e personalizados.

Nesse cenário, a tecnologia não deve ser vista como concorrente da profissão, mas como aliada. Ao reduzir barreiras técnicas e simplificar processos operacionais, a inteligência artificial aproxima mais pessoas do universo do design e abre espaço para que profissionais criativos concentrem sua atuação no que realmente diferencia uma marca: visão, estratégia e criatividade.

O resultado é um ecossistema mais dinâmico, em que mais ideias conseguem sair do papel e mais negócios conseguem se apresentar ao mercado com uma comunicação visual estruturada. Afinal, um ambiente mais colaborativo, conecta a criatividade humana e o apoio tecnológico.

(*) Head de Branding, Design e Comunicação na Printi. É formado em Produção Gráfica e Design Gráfico, com Pós-graduação em Design Gráfico pela Faculdade de Belas Artes da Hungria e também em Design Estratégico e Inovação pelo IED-Brasil.

Tim Cook deixa o comando da Apple

A Apple anunciou que Tim Cook deixará de ser seu CEO para assumir a função de presidente executivo do conselho de administração. O novo CEO, a partir de 1º de setembro, será John Ternus, atual Chief Hardware Officer

Vivaldo José Breternitz (*)

Cook, que assumiu o cargo atual em 2011, sucedendo a Steve Jobs, passará a cuidar principalmente de relações institucionais com governos e autoridades em mercados estratégicos como Estados Unidos, China e Índia. Jobs, que deixou o cargo de CEO por motivo de saúde, escolheu Cook como sucessor, principalmente por sua habilidade em operações e logística.

Aos 65 anos, Cook ingressou na Apple em 1998, vindo da Compaq. Durante sua gestão, a companhia viu seu valor de mercado saltar de US\$ 350 bilhões para US\$ 4 trilhões, enquanto a receita anual quase quadruplicou, passando de US\$ 108 bilhões em 2011 para mais de US\$ 416 bilhões em 2025.

“Foi o maior privilégio da minha vida liderar a Apple”, declarou Cook em comunicado; “Tenho plena confiança nas habilidades e no caráter de John Ternus”.

Ternus, de 50 anos, está na Apple há mais de 25 anos e tem a mesma idade que Cook tinha quando se tornou CEO. Iniciou sua carreira na equipe de design de



Foto: Creative Art / Freepik

produtos em 2001 e ganhou destaque ao conduzir a migração dos Macs para chips próprios da empresa, os Apple Silicon. Também esteve à frente de lançamentos como o iPad, os AirPods, o iPhone Air e o MacBook Neo. Antes de ingressar na Apple, trabalhou como engenheiro na Virtual Research Systems e é formado pela Universidade da Pensilvânia.

Com a nomeação, Ternus se tornará o oitavo CEO da história da Apple e passará a integrar o conselho de administração.

A reorganização também amplia as funções de Johny Srouji, vice-presidente sênior de tecnologias de hardware, que passa a ser o Chief Hardware Officer. Srouji, responsável pelo desenvolvimento do chip A4 do iPhone 4, entrou na Apple em 2008 após passagens pela Intel e IBM.

A mudança de comando em uma empresa desse porte sempre desperta a atenção do mercado, pelas mudanças que podem vir a ser implementadas.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Indústria brasileira acelera uso de dados para evitar falhas e reduzir custos operacionais

A digitalização já faz parte da rotina da indústria brasileira, mas ainda há um longo caminho para que os dados gerados nas operações se transformem em inteligência estratégica. Segundo a Pesquisa de Inovação (PINTEC), 84,9% das indústrias no país utilizam ao menos uma tecnologia digital avançada, como automação, internet das coisas (IoT) ou inteligência artificial, um avanço importante, mas que ainda convive com processos fragmentados e baixa integração de informações nas operações.

Apesar desse avanço, muitas empresas ainda operam com sistemas fragmentados ou dependentes de controles manuais, o que dificulta a visibilidade sobre falhas e riscos operacionais.

Segundo levantamento da Confederação Nacional da Indústria (CNI), 69% das indústrias brasileiras utilizam ao menos uma tecnologia digital, mas apenas 7% alcançaram um nível avançado de maturidade tecnológica, indicando que grande parte das empresas ainda estão na fase inicial da transformação digital.

No cenário global, a tendência é semelhante. Estimativas da Gartner indicam que mais de 75% das organizações industriais pretendem ampliar investimentos em digitalização operacional até 2027, impulsionadas pela necessidade de aumentar produtividade, reduzir custos e melhorar a previsibilidade das operações.

A transformação também tem sido destacada em análises internacionais sobre competitividade industrial. Um artigo publicado na Forbes Technology Council aponta que a integração de dados ao longo de toda a cadeia produtiva, conceito conhecido como “digital thread”, deve se tornar um dos pilares da indústria moderna, permitindo que empresas conectem informações de produção, manutenção e logística para tomar decisões mais rápidas e estratégicas.



metamorphosis / CANVA

Nesse cenário, tecnologias de monitoramento em tempo real e análise de dados ganham espaço ao permitir que empresas antecipem problemas antes que eles interrompam a produção.

Segundo Igor Silveira, cofundador da Melvin, empresa brasileira de tecnologia especializada em gestão de manutenção industrial, esse movimento representa uma mudança estrutural na forma como as indústrias operam.

“Durante décadas, a manutenção foi baseada em reação. O equipamento quebrava e a equipe corria para resolver. Hoje a lógica está mudando, com sensores e dados em tempo real, as empresas conseguem prever falhas e agir antes que o problema aconteça”, destaca.

A Melvin desenvolve soluções que conectam sensores industriais a plataformas digitais, monitorando variáveis como vibração, temperatura e desempenho de máquinas para identificar padrões de falha e gerar alertas automáticos.

Esse modelo de gestão baseado em dados tem impacto direto nos resultados.

Estudos da consultoria McKinsey & Company indicam que o uso de inteligência artificial e analytics em operações industriais pode reduzir custos de manutenção em até 12% e aumentar a disponibilidade de ativos em cerca de 9%.

Para Eymard Barroso, também cofundador da Melvin, o desafio das empresas não é mais apenas adotar tecnologia, mas integrá-la à operação. “Muitas indústrias já possuem sensores e sistemas, mas os dados ainda estão isolados. Quando conseguimos conectar essas informações, criamos uma visão completa da operação e isso muda totalmente a tomada de decisão”, aponta.

Ainda segundo o executivo, a digitalização industrial representa uma mudança na própria lógica de gestão das operações. “A indústria sempre gerou uma quantidade enorme de dados, mas durante muito tempo essas informações não eram utilizadas de forma estratégica. Quando esses dados passam a ser integrados e analisados, eles deixam de ser apenas registros operacionais e se tornam inteligência para tomada de decisão”, complementa.

A integração de dados industriais deve se tornar um dos principais diferenciais competitivos da próxima década, especialmente em setores intensivos em equipamentos, como energia, agronegócio, mineração e manufatura.

“A manutenção deixa de ser vista apenas como um centro de custo e passa a ser tratada como uma área estratégica para garantir produtividade, eficiência e continuidade da operação”, finaliza Igor.

Nesse cenário, empresas que conseguirem transformar dados operacionais em inteligência de negócio tendem a ganhar vantagem competitiva em um ambiente industrial cada vez mais orientado por tecnologia, eficiência e previsibilidade.

News@TI

Parceria para desenvolver plataforma de avaliação de IA no desenvolvimento de software

o Centro de Excelência em Inteligência Artificial da Universidade Federal de Goiás (CEIA/UFG) e a Meta, consultoria que transforma negócios com tecnologia, firmaram uma parceria estratégica para desenvolver uma plataforma voltada à avaliação, governança e validação de grandes modelos de linguagem (LLMs) aplicados ao desenvolvimento de software. O projeto tem como objetivo analisar, de forma sistemática, como diferentes modelos de inteligência artificial podem apoiar programadores ao longo do desenvolvimento de software. Na prática, a iniciativa funcionará como um laboratório para testar e comparar essas tecnologias, identificando quais são mais eficientes em cada etapa do processo (<https://meta.com.br/>).

Netskope amplia parceria com Google Cloud para segurança de IA em escala

A Netskope (NASDAQ: NTSK), líder em segurança e redes modernas para a era da nuvem e da IA, anunciou a ampliação de uma parceria com o Google Cloud para oferecer desempenho e segurança para fluxos de trabalho de IA. A nova solução utiliza o Netskope One AI Guardrails para permitir a implementação corporativa de IA generativa de alto desempenho e fluxos de trabalho autônomos em escala no Google Cloud. Ao aproveitar os recursos da Netskope, a solução aprimora a segurança desses fluxos de trabalho e dos dados que eles utilizam (netskope.com).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Edição Eletrônica:* Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço Informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo,

468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.